ESTÁGIO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO: UMA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA

Rachel Dias Neme¹; Artur Alves de Oliveira Chagas²; Geovana Mellisa Castrezana Anacleto³

¹Estudante do curso de Psicologia; e-mail: rachel-raema@hotmail.com

²Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail artur.chagas@umc.br

³Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail geovanamc@umc.br

Área de concentração: Psicologia

Palavras chave: Plantão psicológico; primeira experiência; relato de experiência

INTRODUÇÃO

É fundamental elucidar que, através de alguns referenciais teóricos, é possível trazer informações sobre a definição de Plantão psicológico, seus objetivos e sua relação com o tão indispensável acolhimento em Psicologia. Segundo Doescher e Henriques (2012) Plantão psicológico pode ser considerado uma intervenção psicológica em que o acolhimento do ser humano se dá, em uma ocasião de urgência, onde o sofrimento está predominando. A prioridade é trazer o alívio e a busca pelo sentido da existência. Para tanto, é indispensável “cuidar” daquele que procura esse auxílio. Santos e Sá (2013) legitimam que experiências de angústia, advindas do mundo contemporâneo, devem ser abrangidas em um compreender fenomenológico, onde o sofrimento pode ser um meio de obter e revelar o campo de sentido, no qual a emergência se torna possível. Tendo em vista essa fundamental compreensão há necessidade de um deslocamento existencial, uma abertura de sentido no que diz respeito à própria existência: é a relação com a liberdade em meio a experiências no seu modo-de-ser.

OBJETIVOS

Descrever a primeira experiência de uma graduanda, do curso de Psicologia, de uma universidade particular, no âmbito do estágio em Plantão psicológico, sob a ótica da Fenomenologia Existencial.

METODOLOGIA

A descrição realizada se tratou de um relato de experiência em Plantão psicológico, proporcionando uma avaliação qualitativa. Envolveu uma análise reflexiva dos atendimentos, conforme orientados em Estágio curricular, a pacientes de um Serviço-escola de Psicologia e de relatos de casos expostos, em períodos de orientação, por outros estagiários. Todo o processo de estágio foi coordenado por um profissional da Psicologia. Para a realização dessa pesquisa foram alcançados atendimentos a pacientes que buscaram o Serviço-escola de Psicologia da Universidade de Mogi das Cruzes, em algum momento de urgência psicológica. Nos relatos, não foram apresentados os nomes dos pacientes, por questões éticas. Além disso, atendimentos realizados no Serviço de Assistência jurídica da Universidade de Mogi das Cruzes e Delegacia da Mulher de Mogi das Cruzes foram descritos, tendo em vista os relatos, de outros estagiários. Foram utilizadas vinhetas clínicas envolvendo atendimentos realizados pela autora, a qual realizou atendimentos no Serviço-escola de Psicologia da Universidade de Mogi das Cruzes, aos sábados, no primeiro semestre de 2015.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

É fundamental evidenciar Rebouças e Dutra (2010) os quais salientam que Plantão psicológico tem a proposta de adequar um ambiente de atendimento aqueles que sofrem e que, por diversos motivos, apresentam alguma demanda de acolhimento. O Plantão psicológico realizado no Serviço de Atendimento Jurídico da Universidade de Mogi das Cruzes (SAJ) trouxe discussões enriquecedoras nos momentos de supervisão/orientação. Em presença de distintas demandas que se expõem podem surgir pessoas que não consigam se expressar claramente, ou por estarem sobrecarregadas de sofrimento, angústias ou até mesmo por encontrarem dificuldades com o idioma desenvolvido pelo estagiário plantonista. Durante os relatos de supervisão, uma estagiária trouxe uma experiência de acolhimento no SAJ em que esteve diante de um casal buscando esclarecimentos com relação a questões trabalhistas. Através dos relatos da plantonista, ficou entendido que o casal, inicialmente, não havia compreendido a necessidade de estar ali, em acolhimento psicológico. É válido ressaltar nesse parágrafo a contribuição de Nunes e Morato (2008) os quais salientam que a necessidade de cada um nem sempre está em falas iniciais. Ela é estabelecida na conversa com o Psicólogo(a), podendo, aos poucos, trazer distintas demonstrações: é necessário um vínculo com a escuta para se perceber o sofrimento. Perguntas surgiram por parte da plantonista, em momentos de orientação: “Será que fiz o correto? Como intervir? Falar com os dois ao mesmo tempo?”. Uma primeira experiência em Plantão psicológico revela que não há um método esquematizado, há sim a necessidade de se ter uma abertura diante daquilo que se apresenta e disposição para lidar com as dificuldades. Questionamentos trazem aproximações em momentos de orientação e é o que revela Pompeia e Sapienza (2004, p.233): “No compartilhar a angústia, que se origina do estar lançado para além do real, portanto, perigosamente lançado no vazio, onde não há nada que me sustente, a presença do outro me ajuda [...]”. Então, tendo em vista o que foi alcançado aos olhos do orientador de estágio, quais respostas foram restituídas às perguntas realizadas pela estagiária em meio a sua insegurança? O que sempre se discute durante o decorrer do curso de Psicologia é a necessidade de “levar o paciente a refletir”, sem imposições, sem julgamentos e não podia ser diferente nesse caso apresentado. De alguma forma seria necessário que o casal saísse daquele acolhimento com algo a refletir: “Você poderia esclarecer melhor o que me falou?”. Frases com finalizações interrogativas deixam sempre algo a pensar e tornam um acolhimento aberto às histórias de vida de cada um. Segundo Nunes e Morato (2013) as queixas jurídicas que se apresentam nesses acolhimentos trazem um histórico de injustiça, dor e ansiedade e o Plantão Psicológico transmite um apoio aos estagiários do curso de Direito.

Práticas vividas durante o processo de estágio na Delegacia da Mulher da cidade de Mogi das Cruzes também trouxeram experiências engrandecedoras em momentos de supervisão. Uma plantonista trouxe um relato de um caso em que uma mulher chegou à instituição dizendo “Vocês precisam fazer alguma coisa porque eu não aguento mais”. Segundo a estagiária, a mulher demonstrou estar em aflição e logo foi esclarecendo, a ela, o que havia ocorrido: “o meu filho é agressivo, ele quebrou tudo em casa, eu não aguento mais...”. A escuta, tendo em vista o relato da graduanda, foi primordial para aliviar, a princípio, o sofrimento daquela mulher. Após ter sido orientada por funcionários da Delegacia, a mesma retornou até a estagiária da Psicologia: “Nossa, é diferente o seu atendimento do atendimento deles, com você eu pude desabafar. Uma reflexão importante foi elaborada pelo orientador: “O que ela esperava da delegacia?”. A escuta possibilita um olhar acolhedor em busca do alívio do sofrimento e da compreensão dos fatos.

A autora deste relato de experiência também realizou atendimentos, os quais foram conquistados no Serviço-escola de Psicologia da Universidade de Mogi das Cruzes. Em

um deles, o paciente inicialmente falou: “Então, eu vim aqui porque eu preciso contar para você um acontecimento e que tem a ver com aquelas pessoas de branco, você sabe o que é isso né?”. A estagiária indagou: “Pessoas de branco, quais?”. O paciente referiu que sempre via essas pessoas, que elas falavam com ele, mas que no momento ele havia encontrado uma força e que seria a “força de Deus”. Ainda disse: “É isso que eu vim contar para vocês, essa libertação, essa vitória...”. A plantonista, mesmo não expressando a apreensão, pensou estar diante de um paciente em condições esquizofrênicas e o quanto seria importante elucidar o caso perante os momentos de orientação. Vale ressaltar aqui o que evidencia Nogueira (2011, p.263) ao refletir: “O esquizofrênico comporta-se em seu ser-no-mundo como alguém privado de abertura; por outras palavras, alguém que se encontra fechado. Contudo, no comportamento do esquizofrênico, a abertura não desaparece [...]”. Durante seus relatos, o paciente apresentou fala desorganizada e, possivelmente, pensamento persecutório o que levou a estagiária a envolver-se nos fatos apresentados de uma forma que não interferisse no vínculo paciente/estagiário. Mas, surgiu a dúvida por parte da plantonista: como finalizaria o atendimento? Estar diante do caso relatado exigiu certa precaução com as palavras. A escuta realizada trouxe certo alívio ao paciente, pois o mesmo buscava, inicialmente, alguém que o ouvisse e tal momento propiciou a ele reflexões sobre sua existência. Vale evidenciar Cardinalli (2004, p.111): “[...] Não há simplesmente uma doença compreendida como entidade isolada em si mesma. Ela é uma maneira de realizar o próprio existir que se encontra prejudicado.”. Ouvir foi a prioridade do acolhimento em questão e tal capacidade (a de ouvir), é uma característica essencial para um Psicólogo(a) no exercício profissional. Com o intuito de finalizar o acolhimento, visto que o paciente passou a repetir os mesmos assuntos relacionados a sua vitória e a respeito de “Deus”, a estagiária disse: “Que bom que você veio contar essa vitória”. A mesma se levantou e o paciente: “Que bom que vocês da Psicologia existem para ajudar a gente”. Para uma primeira experiência em Plantão psicológico considere-se um atendimento de grande relevância e aprendizado aprimorando os conhecimentos através de referenciais teóricos para auxiliar na compreensão do caso, algo que se estende, também durante o exercício profissional.

CONCLUSÕES

Os momentos vivenciados em um Estágio de Plantão psicológico possibilitaram a aproximação do sofrimento do outro. Através dos acolhimentos realizados e dos casos expostos em supervisão, percebeu-se a necessidade de se ter o cuidado como um dos fatores primordiais na escuta e livrar-se de julgamentos foi essencial. O Plantão psicológico estando na grade curricular, do curso de Psicologia, aproximou os graduandos do exercício profissional, pois possibilitou durante os acolhimentos perspicácia, cuidado nas ações e nas palavras. Observou-se a necessidade constante do apoio de referenciais teóricos fidedignos proporcionando uma maior seriedade e comprometimento. Instituições públicas e privadas de Saúde, Distritos policiais, Serviços de Assistência Jurídica necessitam do amparo da Psicologia e a Modalidade Plantão psicológico pode ser um apoio para os profissionais em exercício nesses locais, como também para os usuários. Vale ressaltar que em Unidades Básicas de Saúde (UBS), por exemplo, é crescente a demanda de pessoas que utilizam os serviços da Instituição buscando apoio do Setor da Saúde Mental. Nota-se, então, que o Plantão psicológico é uma Modalidade essencial para as referidas Instituições. Mas, o que leva alguém a buscar o Plantão psicológico? Os motivos dessa procura surgem com a escuta, cautelosa e acolhedora, e nem sempre nas falas iniciais consegue-se exprimir os sentimentos, as emoções. São questões que exigem comprometimento, competência e abertura para o ouvir, seja durante a formação acadêmica como nos momentos de atuação profissional.

REFERÊNCIAS

CARDINALLI, Ida Elizabeth. **Daseinsanalyse e esquizofrenia: um estudo na obra de Medard Boss**. São Paulo: Educ: Fapesp, 2004, p. 175.

DOESCHER, Andréa Marques Leão; HENRIQUES, Wilma Magaldi. Plantão psicológico: um encontro com o outro na urgência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 4 p. 717-723, out./dez. 2012. Acesso em 18 de abril de 2015. <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n4/a18v17n4.pdf>.

NOGUEIRA, Roberto Passos. Extensão fenomenológica dos conceitos de saúde e enfermidade em Heidegger. **Ciência saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 259-266, Jan. 2011. Acesso em 5 de abril de 2015. <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n1/v16n1a28.pdf>.

NUNES, André Prado; MORATO, Henrietti Tognetti Penha. A práxis clínica de um laboratório universitário como aconselhamento psicológico. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 58, n. 128, jun. 2008 . Acesso em 7 de setembro de 2015. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n128/v58n128a06.pdf>.

NUNES, André Prado; MORATO, Henrietti Tognetti Penha. Plantão psicológico no Departamento Jurídico do “XI de agosto”: relato de plantonista, in: Barreto, Morato, Caldas (orgs.). **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica**. Curitiba: Juruá, 2013, p.259-281.

POMPEIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Na presença do sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. São Paulo: EDUC, 2004, p. 246. ISBN: 85-283-0288-1.

REBOUCAS, Melina Séfora Souza; DUTRA, Elza. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Revista abordagem gestáltica**, Goiânia, v.16, n.1, jun. 2010 . Acesso em 30 de março de 2015. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v16n1/v16n1a04.pdf>

SANTOS, Danielle de Gois; SÁ, Roberto Novaes de. A existência como “cuidado”: elaborações fenomenológicas sobre a Psicoterapia na contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies**, Goiânia, n. 1, v. 19, p. 53-59, jan-jul, 2013. Acesso em 10 de abril de 2015. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v19n1/v19n1a07.pdf>.

AGRADECIMENTOS

A MINHA FAMÍLIA, MARCOS E GIOVANA, POR TODO CARINHO. AOS MEUS PAIS E MEU IRMÃO, PELAS HISTÓRIAS DE VIDA. AO MEU AVÔ OSCAR NEME E SUA TERNURA POR ESCREVER E RECITAR POESIAS. AOS MESTRES ARTUR ALVES DE OLIVEIRA CHAGAS E GEOVANA MELLISA CASTREZANA ANACLETO PELAS VIVÊNCIAS E COMPANHEIRISMO. AOS MEUS ANOS DE DEDICAÇÃO À SAÚDE PÚBLICA E À UNIVERSIDADE DE MOGI DAS CRUZES PELO PROJETO INSTITUCIONAL VOLUNTÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA.